

A CANÇÃO “MASCULINIDADE” COMO ARTEFATO CULTURAL: SUBVERTENDO NORMAS HEGEMÔNICAS

Tailson dos Santos Silva¹

Elaine de Jesus Souza²

INTRODUÇÃO

O que nos torna masculinos? Possivelmente, ouviremos que “ser masculino” é apresentar características como ter um pênis em sua matriz anatômica, ser heterossexual, viril, possuir controle emocional, entre tantos outros atributos biológicos e socioculturais. Porém, sujeitos que não apresentam esses atributos não são masculinos? E os transgêneros que não se enquadram em tais atributos, mas que se identificam como masculinos? São inúmeros os questionamentos que podem emergir sobre gênero e masculinidades.

A questão é que tais discursos essencialistas costumam se ancorar no determinismo biológico para uma suposta “legitimidade” na Biologia, reiterando que: “só heterossexuais podem se reproduzir”, “virilidade é uma questão hormonal”, “homens não choram”, entre outros enunciados, disseminando um modelo de masculinidade hegemônica — que obedece aos essencialismos biológicos — como unicamente legítimo. Contudo, há sujeitos que não expressam tais peculiaridades, mas que não se sentem “menos masculinos”.

Dessa forma, ao considerar outros modos de existências masculinas, podemos colocar em evidência tratar a masculinidade como uma categoria analítica, considerando a sua dimensão plural, ou seja: as masculinidades. Sob essa ótica, acreditamos que o Ensino de Biologia ancorado nas Teorias Pós-críticas — Estudos Pós-estruturalistas, Culturais e *Queer* — pode operar como um dos múltiplos caminhos para ampliar essa categoria, questionando argumentos, supostamente, biológicos utilizados para “consolidar” apenas um modo legitimado de existência de masculinidade. Portanto, problematizar tais “argumentos biológicos” colocaria em evidência outras formas de masculinidades, dito de uma forma

¹ Licenciando em Biologia pela Universidade Federal do Cariri/UFCA, bolsista de iniciação científica pelo CNPq, tailson.santos@aluno.ufca.edu.br.

² Professora permanente do Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe/PPGECIMA/UFS e Professora Adjunta da Universidade Federal do Cariri/UFCA, elaine.souza@ufca.edu.br.

queer: subverter premissas cisheteronormativas e deslocar “regimes de verdade” para colocar e dar visibilidade às diferenças nessa categoria de gênero.

Nesse caminho, acreditamos que uma das formas que possibilitam problematizações é utilizar de artefatos culturais como instrumentos didático-metodológicos. Desse modo, entre tais artefatos, podemos destacar filmes, músicas, séries, documentários, entre outros, visto que “[...] constituem pedagogias culturais potentes para pluralizar o ensino de Biologia” (Souza; Maknamara, 2024, p. 76). Assim, “[...] entendemos que os artefatos culturais se tornam potentes ferramentas pedagógicas para problematização dos corpos, gêneros e sexualidades” (Amaral; Caseira; Magalhães, 2017, p. 122), como também em relação às masculinidades. No caso deste estudo, destacamos artefatos culturais como músicas, mais especificamente a canção *Masculinidade* (2021)³, do cantor, compositor, produtor e instrumentista brasileiro, Tiago Iorc, questionando: *que problematizações sobre masculinidades seriam provocadas a partir dessa música como um artefato cultural no ensino de Biologia?*

METODOLOGIA

Partimos da problematização da canção *Masculinidade* de Tiago Iorc, tal exercício de análise crítica pressupõe o reconhecimento da música como artefato cultural e um potente instrumento didático-metodológico. Para Foucault (2017, p. 227): “[...] essa elaboração de um dado em questão, essa transformação de um conjunto de complicações e dificuldades em problemas para os quais as diversas soluções tentarão trazer uma resposta é o que constitui o ponto de problematização e o trabalho específico do pensamento”.

Nessa perspectiva, Giroux (2001) e Maknamara (2020) argumentam que artefatos culturais constituem “máquina de ensinar”: “No deslocamento engendrado por tais máquinas, são apreendidas novas habilidades, capacidades, modelos de sociabilidade e afetividade” (Maknamara, 2020, p. 59). Nesse sentido, inspiramo-nos nas narrativas seriadas analisadas por Maknamara (2020) às quais consistem em máquinas de ensinar, textos culturais, produtoras de sujeitos e instrumentos de governo, reconhecendo a coexistência de currículos culturais, que permeiam o Ensino de Biologia.

Essa canção poderia operar como um mecanismo de sensibilização e problematizações de discursos essencialistas sobre gênero e masculinidade no Ensino de Biologia, usualmente marcado por binarismos e determinismos, posto que compreendida como um artefato cultural,

³ Disponível em: https://youtu.be/V5GUxCO8rl4?si=GX4JwRmnPPyrl_EG.

“ [...] a música se torna um objeto privilegiado também para o campo educacional, para além de sua obrigatoriedade e das funções que pode desempenhar como componente curricular” (Maknamara, 2020, p. 60). Assim, realizamos um exercício de problematização acerca dos principais enunciados sobre masculinidades destacados nessa música.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da questão norteadora deste estudo, problematizamos a música “*Masculinidade*” como artefato cultural e sua potência como instrumento didático-metodológico. Para tais problematizações, utilizamos das Teoria Pós-críticas — Estudos Pós-estruturalistas, Culturais e *Queer* — possibilitando esse exercício de análise crítica acerca de conceitos como gênero, homofobia, cisheteronormatividade, masculinidade hegemônica, masculinidades subordinadas e masculinidade compulsória. Portanto, subdividimos esta seção analítica em duas partes, visto que a canção possui uma virada no decorrer dos versos: a primeira parte traz questões referentes à masculinidade hegemônica e compulsória e a segunda parte de questões referentes à saúde mental dos homens.

Queria provar minha virilidade!

Em determinado trecho, Iorc canta: “*Queria ser uma unanimidade*”. Isso expõe como alguns homens desejam alinhar-se às normas de masculinidade hegemônica, almejando uma espécie de “aprovação social”. Nesse caminho, a Teoria *Queer* se opõe às “normalidades” e “naturalidades”, visto que tais aspectos desconhecem/invisibilizam outros modos de existências masculinas, colocando outras expressões como “anormais”. Gracia Trujillo (2023, p. 27) aponta que “[...] para que exista gente excêntrica, estranha (*queer*), e poder controlá-la, tem que haver outra ‘não estranha’ ou ‘normal’”. Sob essa ótica, essa mesma autora questiona: “Mas quem define o que é normal?” (Trujillo, 2023, p. 27). Discursos essencialistas e normativos reguladores reforçam modelos hegemônicos de masculinidade em detrimento de outras diferenças. A autora acrescenta que usar “[...] aspas nas palavras ‘normal’ e ‘natural’ para destacar o estranhamento dessas categorias, e também para afirmar que são construções sociais, ou melhor, podem mudar” (Trujillo, 2023, p. 27). Ou seja, a partir de uma análise *queer*, podemos expor o caráter sociocultural de tais discursos sobre masculinidade hegemônica e desestabilizar premissas cisheteronormativas.

Em seguida, esse artista canta: “*queria provar minha virilidade*”. Ou seja, esse trecho expõe as pressões de normatividade que homens são vistos, devido à necessidade de provar

determinados aspectos. Tal trecho também é interessante à medida que expõe a fragilidade dos ideais da masculinidade hegemônica como “naturalidade”, pois se fosse, de fato, uma “essência”, não seria necessário provar, colocando em evidência seu caráter social e cultural. Tal ideia pode remeter à ideia de *performatividade* de gênero de Judith Butler. Butler (2018) argumenta que o gênero — no sentido de binarismos como feminino/masculino — é um conjunto de atos que são repetidos, o que torna a ilusão de naturalidade. Portanto, se há uma necessidade de “provar” tais atributos, “[...] não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora” (Butler, 2018). Desse modo, o que há são discursos normativos que tentam ditar uma “masculinidade verdadeira”.

Nesse caminho, a ideia de “masculinidade verdadeira” entra em consonância com o conceito de masculinidade hegemônica. Connell e Messerschmidt (2013, p. 250) apontam que “O conceito de masculinidade é criticado por ter sido enquadrado no seio de uma concepção heteronormativa de gênero que essencializa a diferença macho-fêmea e ignora a diferença e a exclusão dentro das categorias de gênero”. Isso porque descredibiliza e deslegitima as outras múltiplas formas de expressar masculinidades além da hegemônica. Além disso, Rosostolato (2019) argumenta que os ideais da masculinidade hegemônica possuem um viés patriarcal à medida que (re)força uma hierarquia que coloca os homens como “superiores” às mulheres em várias dimensões. Ademais, o autor argumenta que a masculinidade hegemônica é prejudicial à saúde física e psicológica dos homens devido às normas sexuais e de gênero impostas. Destarte, propõe discussões feministas acerca da arbitrariedade da “superioridade masculina”, visando uma equidade entre os gêneros. Esse pensamento possibilita a desconstrução de normas para o (re)conhecimento de masculinidades.

Em outro trecho, vemos: “*Eu cuido para não ser muito sensível, homem não chora, homem isso e aquilo*”. Dessa forma, podemos observar como a masculinidade hegemônica propõe modos de “autocensura emocional”, ou seja, (re)forçam a ideia de que a demonstração de emoções não é uma característica masculina. Campos e Rodrigues (2023) expõem que essa compulsividade em relação à masculinidade “apropriada” é um problema de saúde pública. Isso significa que questões relacionadas à saúde mental dos homens tem uma relação com questões sociais. Esse/a autor/a apontam que a sensibilidade emocional estaria, para o machismo, próxima à feminilidade, visto que há uma rejeição a essa expressão.

Nesse caminho, Daniel Welzer-Lang (2001) reconhece tais similaridades. Esse teórico argumenta que a construção do masculino se dá na medida em que “[...] para ser um (verdadeiro) homem, eles devem combater os aspectos que poderiam fazê-los serem associados às mulheres” (Welzer-Lang, 2001, p. 462). Ele também expõe que interessar-se por esportes, por exemplo, faz com que eles pensem durante o processo: “Eu quero ser um homem e portanto eu quero me distinguir do oposto (ser uma mulher). Eu quero me dissociar do mundo das mulheres e das crianças” (Welzer-Lang, 2001, p. 463). Além disso, esse autor propõe “[...] que se definisse a homofobia como a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero” (Welzer-Lang, 2001, p. 465). Ou seja, a masculinidade hegemônica interpreta aspectos como emocional e homossexualidade como questões que não pertenceriam ao “mundo dos homens”.

Eu sou real!

A partir daqui, a canção aborda outra perspectiva acerca das masculinidades: “*Conversando com os meus amigos, eu entendi que não é comigo, calar fragilidade é castigo, eu sou real*”. Nesse caminho, Iorc reconhece a legitimidade de sua masculinidade em contato com outros que também expressam masculinidades não-hegemônicas. A Teoria Queer torna-se importante aqui, pois “‘O queer’ supõe dar voz e abrir espaço a outros corpos e sujeitos diferentes” (Trujillo, 2023, p. 36). Nesse olhar, ganham visibilidade aqueles que resistem se opõem à norma da masculinidade hegemônica, evidenciando outros modos de existências. Não é à toa que Connell e Messerschmidt (2013) explanam acerca do que ela/e intitulam de “masculinidades subordinadas”, ou seja, modos de existências masculinas em desalinhamentos com os padrões da masculinidade hegemônica. Serem “subordinadas” significa que são colocadas em uma espécie de “hierarquia de masculinidades”, pois são colocadas como inferiores à masculinidade hegemônica, pois possuem atributos como homossexualidade, por exemplo — a masculinidade hegemônica defende a heterossexualidade como um de seus aspectos.

Em outro trecho: “*Quando criança era chamado de bicha como se fosse um xingamento, que estranho, aprendi que era errado ser sensível*”. Aqui observamos enunciados que constituem discursos expressos por meio de uma linguagem sexista, misógina e machista. Tais discursos normativos atuam como processo regulador na pronúncia de termos pejorativos que remetem a uma homofobia sutil marcada por apelidos e “brincadeirinhas” que

funcionam como guardiãs das normas sexuais e de gênero, compondo o arsenal da homofobia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse horizonte, é notório que normas sexuais e de gênero atravessam os múltiplos espaços socioeducativos. Assim, a masculinidade hegemônica torna-se uma categoria analítica crucial a ser problematizada à medida que se coloca como compulsória, opressora e privilegiada, enquanto outros modos de existências masculinas tornam-se “subordinadas”, visto que são deslegitimadas, oprimidas e colocadas em posições de desvantagem. Nesse caminho, a canção “*Masculinidade*” — interpretada como um artefato cultural — constitui um potente instrumento didático-metodológico. Isso porque abriria possibilidades para subversões, questionamentos, problematizações e (des)construções sobre gênero e masculinidades, reconhecendo sua dimensão sociocultural. Portanto, como educadores/as podemos nos comprometer com um processo educacional inclusivo e pluralista, construindo (des)aprendizados para subversão de padrões hegemônicos e reconhecimento das múltiplas identidades/diferenças, a partir de um incessante exercício de problematização de nossos saberes e práticas docentes. Assim, adotando um ensino sobre/para/com vidas...

Palavras-chave: Artefatos culturais, masculinidades, gênero, teoria *queer*.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Caroline Amaral; CASEIRA, Fabiani Figueiredo; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. Artefatos culturais: pensando algumas potencialidades para discussão de corpos, gêneros e sexualidades. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (Orgs.). **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Editora da FURG, 2017, p. 122-133.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMPOS, Vinicius de Souza; RODRIGUES, Ana Paula. “Homem não chora”: o impacto do heterossexismo na saúde mental do homem. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 4, n. 4, 2023.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, abr. 2013.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade e Política**. Organização de Manoel Barros da Motta. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

MAKNAMARA, Marlécio. Quando artefatos culturais fazem-se currículo e produzem sujeitos. **Reflexão e ação**. Santa Cruz do Sul, v. 27, n. 1, p. 04-18, mai./ago. 2020.

ROSOSTOLATO, Breno. Alexitimia e masculinidades: do silêncio aos processos de desconstrução. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 30, n. 2, p. 55-64, 2019.

SOUZA, Elaine de Jesus; MAKNAMARA, Marlécio. **Biologias para questionar:** saberes e ensinar vidas. João Pessoa, BA: Ideia, 2024.

TRUJILLO, Gracia. **O feminismo queer é para todo mundo.** 1. ed. Salvador, BA: Editora Devires, 2023.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001, p. 460-482.